

## **Arquiteturas Abandonadas em Santa Catarina: Uma cartografia das janelas**

**Lucas Rodrigo Nora**

Doutorando, UFSC, Brasil.  
arq.lucasnora@gmail.com

**Evandro Fiorin**

Professor Doutor, UFSC, Brasil.  
evandrofiorin@gmail.com

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar as características das arquiteturas abandonadas no território catarinense por meio de um recorte: a janela. A janela como objeto de estudo, configura-se como o elemento que promove a ligação entre o espaço arquitetônico e o espaço urbano, entretanto, muitas janelas de edifícios em desuso já não se abrem mais e, por muitas vezes, não permitem grande relação entre o que é interno e o que é externo. Nossas observações foram realizadas em diferentes pontos de Santa Catarina por meio da ferramenta *Google Street View* e as interpretações quanto às localidades foram descritas seguindo o método cartográfico, de um fazer para saber. Assim, foram organizados mapas e montagens que possibilitam a visualização de entrecruzamentos. Nesse sentido, os mapas servem aqui para promover uma ligação entre diferentes territorialidades que apresentam características comuns. Este exercício permitiu a visualização de singularidades em cada recorte estudado. Deste modo, os resultados apresentam algumas características das arquiteturas abandonadas no estado de Santa Catarina por meio de aproximações, mas também, do distanciamento crítico para abrir caminho para o aprofundamento da pesquisa sobre o tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arquiteturas Abandonadas, Cartografia, Santa Catarina.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho explora o Estado Santa Catarina em busca das arquiteturas abandonadas espalhadas por 10 cidades, as quais pudessem revelar similitudes e particularidades presentes em cada porção do território. Um exercício de aproximação, mas também, de distanciamento crítico, com o intuito de identificar algumas edificações emblemáticas que pudessem indicar abandono, tendo em vista que este sentido não está diretamente ligado ao comprometimento físico da edificação.

Como procedimento para desenvolver as análises, utilizamos a ferramenta do *Google Street View* da plataforma *Google Maps*. A utilização de ferramentas virtuais para investigação das cidades, nos possibilita uma curvatura no espaço, redimensionando os significados urbanos (FIORIN, 2022). Durante os anos da pandemia de COVID-19, esse sentido exploratório pôde revelar algumas características símile presentes no espaço urbano dos municípios estudados, com relação à presença de edifícios em desuso, ruína ou em estágio de abandono aparente. Portanto, as percepções visuais são o produto deste trabalho, em detrimento de outras que ainda estão por serem realizadas. Entretanto, essa dimensão da visualidade não ofusca a visibilidade dos mesmos, como um procedimento que compreende e é capaz de elaborar hipóteses.

Por esses motivos, a janela passou a ser nosso objeto de estudo. Isto porque, por meio dela, pode ser revelado um processo de intelecção da edificação. É através da janela que vamos construir o procedimento de leitura, como orifício que desvenda o espaço interior e exterior da arquitetura na cidade. As janelas que outrora abriam-se para as ruas, agora, aparecem fechadas, lacradas com tapumes ou com os vidros quebrados. Por meio delas vemos e somos vistos. Aqui um dispositivo para desvelar uma apreensão possível de imóveis que podem estar desocupados ou servindo para usos diversos.

A partir das análises realizadas em cada porção do território catarinense, passamos a criar as cartografias que promovessem a apreensão das janelas. Construções diagramáticas com base nas imagens de janelas de arquiteturas em estágio de um possível abandono aparente. Um procedimento que toma como base um método que explora o fazer para saber (KASTRUP, 2009), e a janela nos apareceu como uma das pistas para essa pesquisa-ação. Nessas experiências pela tela, que não deixa de ser uma outra janela, as imagens que pudemos encontrar (para nossa surpresa), se entrecruzavam sempre com algumas características comuns.

Sendo assim, analogias foram constituídas de modo a buscar algumas particularidades entre as janelas. Com essa ideia, ao mesmo tempo em que territorializávamos uma janela por suas singularidades em relação a outra, de lugar distante, também a desterritorializávamos. Com base nessa metodologia, o mapa geográfico ia sendo, aos poucos, destituído de sentido. Com as suas múltiplas entradas e saídas (DELEUZE; GUATTARI, 2000), o mapa das características comuns de cada janela de uma possível arquitetura abandonada, ia possibilitando conexões com outras de lugares outros, em uma imagem rizomática, que sempre extrapolava a ideia de um território marcadamente delimitado. Isto porque apesar da globalização, a difusão da técnica e dos objetos técnicos ocorre de maneira desigual, chegando de modo e intensidade diferentes aos lugares no qual se instalam (SANTOS, 2003).

Nesse sentido, temos como resultado desse artigo apontamentos para diversos mapas das janelas de edifícios em desuso ou, dotados de usos outros, no Estado de Santa Catarina, que dialogam entre si, mas também podem compor uma hipótese possível para leitura de prováveis arquiteturas abandonadas. Uma cartografia que foi construída por meio de pistas das imagens das janelas. Um olhar que se pretende aberto, não necessariamente único ou final, mas, uma mirada que é aqui um meio para revelar um entendimento crítico da memória, do patrimônio e da paisagem.

## **2 AS JANELAS DO ABANDONO**

O processo de abandono não está necessariamente ligado à decadência física da edificação, mas fundamentalmente ao fato de deixar de ser utilizada por quaisquer razões. Isso porque, o abandono é o resultado de um sistema global motivado pela obsolescência, mas, também pode ser visto como símbolo de resistência para se tornar o palco de uma arquitetura operativa: social, política e economicamente viável (ALMEIDA; SALDANHA, 2014).

Antes de qualquer outra destinação, a arquitetura ainda é abrigo, deste modo, como invólucros, estabelecem relações em diferentes sentidos. Isto porque, da mesma maneira que as paredes criam a proteção do espaço arquitetônico para quem está dentro, junto de outros invólucros, constitui o espaço arquitetônico que também é urbano, ornamentado ou não, preservado ou não (ZEVI, 1996). A construção deste espaço pode se dar por meio das portas e, sobretudo, das janelas que estabelecem relações entre o que é externo e interno. Isso porque é a janela que relaciona o espaço interior da edificação ao seu entorno: o espaço da cidade. Acionando reflexões urbanísticas, quanto a imagem e visibilidade, assim como aspectos mais intrínsecos ao objeto, como forma, função, proporção e composição (JORGE, 1995).

Nessa ideia, quando as portas e janelas se fecham os sentidos arquitetônicos também são alterados. Algo que poderia indicar desuso ou outras destinações, mas não necessariamente a impossibilidade de evidenciar o seu caráter de abrigo. Sendo assim, para identificarmos aqui as arquiteturas abandonadas, nos atentamos para elementos que poderiam indicar o abandono, como: estado de conservação da pintura, dos elementos que constituem a fachada e dos jardins; as placas de venda; as pichações; os indicativos de invasão; o arruinamento parcial ou total da edificação (ROCHA, 2010).

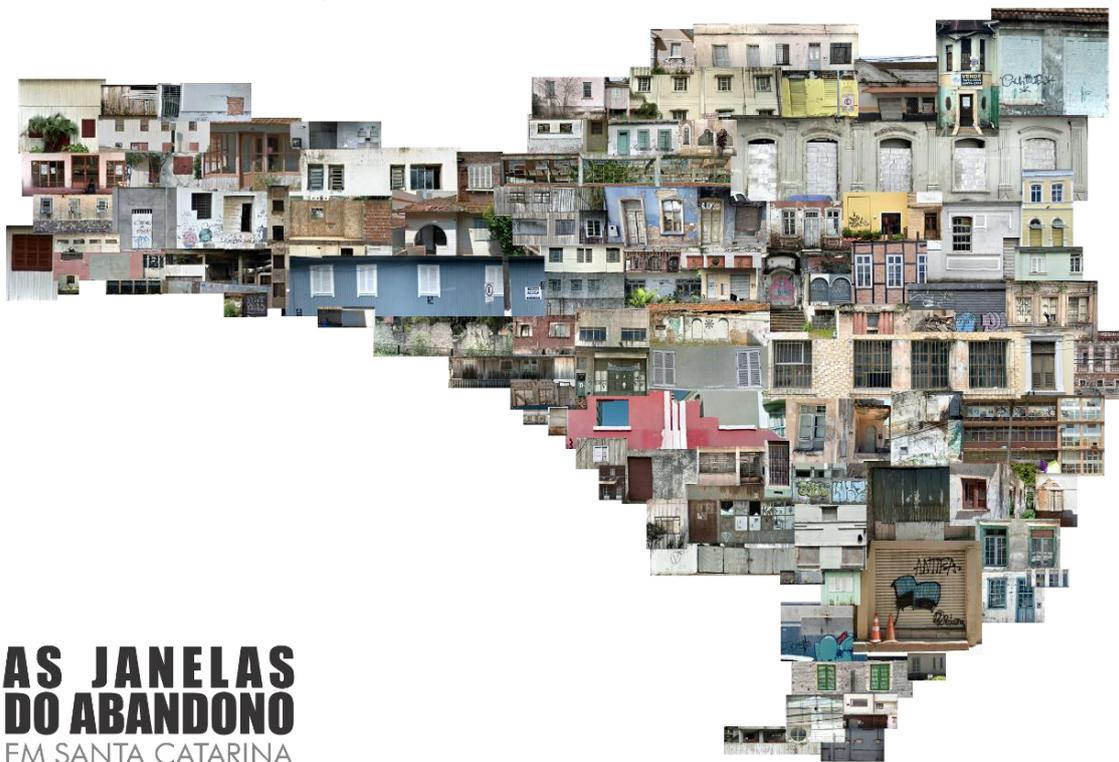
A seleção da janela como elemento norteador deste texto foi uma percepção realizada de forma involuntária, como uma pista surgida no decorrer dessa pesquisa. E, diante desse pressuposto, as arquiteturas abandonadas são lidas aqui, em um primeiro momento, por meio

deste recorte: a janela. Ela que nos permite as múltiplas entradas e saídas para a construção de mapas que interconectam territórios através de aproximações analógicas, ou seja, criando conexões verossímeis entre materiais, texturas e cores. Além disso, também irão nos permitir a construção de distanciamentos críticos que nos permitem olhar estas edificações de outra maneira. Sendo assim, partimos do pressuposto metodológico da cartografia como um método que permite fazer para saber, em um constante processo de idas e vindas (KASTRUP, 2009).

A partir das análises iniciais, desenvolvemos o mapa das janelas do abandono (Figura 1). Desta maneira, conseguimos fazer-ver as arquiteturas abandonadas por meio das janelas em diversas cidades catarinenses, tais como: São Miguel do Oeste, Chapecó, Joaçaba, Lages, Criciúma, Laguna, Florianópolis, Joinville, Blumenau e Mafra. Essa investigação em cada um dos municípios partiu de uma exploração assistemática, sem o conhecimento prévio de cada uma das áreas, em movimentos aleatórios dentro de cada cidade, sem que nos preocupássemos com as possíveis redundâncias. Lendo a cidade deste modo, deixamos nos levar pelos interstícios da cidade, nos deparando com o que não é rotineiro, visualizando a cidade para além da imagem de cartão postal (FIORIN, 2021).

Como nômades na tela do computador, deslizamos o mouse sobre os mapas, de modo a revelar janelas que pudessem abrir outras janelas em uma lógica do e... e... e..., tal como nos ensina Deleuze e Guattari (2000). Como resultado temos uma rede de janelas do abandono que se interconectam em diferentes cidades catarinenses.

Figura 1 – As Janelas do Abandono em Santa Catarina.



**AS JANELAS  
DO ABANDONO**  
EM SANTA CATARINA

Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

### 3 A CARTOGRAFIA DAS JANELAS

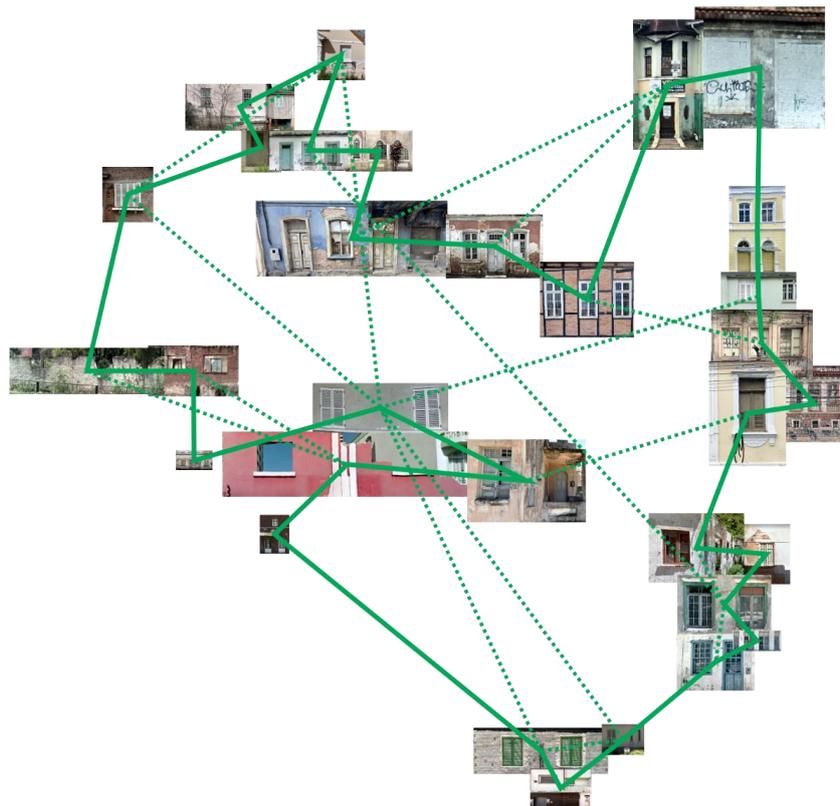
A observação das janelas reconfigurou nosso campo de pesquisa, de modo a produzir novas observações que possibilitaram a criação de um outro território de observação. A partir das janelas do abandono, pudemos criar novos mapas, não na concepção de um mapa *stricto-sensu*, do latim, *mappa*, como representação visual de uma região, mas como a apreensão de um mundo que já existia como virtualidade e agora ganha existência por meio das observações realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

Nas derivas virtuais, passamos a criar cartografias que promovessem ligações entre diferentes áreas do território catarinense. Assim os cartogramas que criamos aqui, mais do que estabelecer algumas relações, também indicam as particularidades presentes em cada área, não em um sentido linear, mas em um espectro não-linear, configurando uma geografia transversal; compondo e recompondo as continuidades e descontinuidades dos processos. Afinal, as atuais conformações urbanas configuram-se muito mais pela desconexão; interrupções, cisões, saltos e tensões que não necessariamente são encadeados (FIORIN, 2020).

Nesta concepção, o espaço ganha linhas de força constituídas de um campo dinâmico, sem regras fixas ou modelos pré-determinados. Esse mesmo espaço busca a ampliação do olhar para atingir a processualidade que marca os acontecimentos do mundo. Deste modo, a pesquisa como intervenção, afeta as condições de gênese dos objetos, permitindo novas modulações e individualidades, nunca esgotando as possibilidades de criação de novas cartografias (KASTRUP; BARROS, 2009). Afinal, os objetos funcionam por meio de sistemas, simbólicos ou sociais, onde um objeto isolado só possui valor como coisa; que só pode adquirir valor social por meio de suas relações (SANTOS, 2003).

A partir do mapa das janelas do abandono, passamos a traçar retas que indicassem similitudes entre as edificações. As linhas se dividem de duas maneiras: as linhas cheias indicam a similaridade do grupo como um todo, enquanto as linhas tracejadas estabelecem relações que foram encontradas em grupos menores. Também iremos utilizar linhas que irão se evadir do mapa, desterritorializando-o, buscando ligações com outros territórios e outros fenômenos; deixaremos estas como um elo em aberto, a ser investigado. Não houve controle para que estas conexões não extrapolassem o território geográfico. Desta maneira, o mapa se torna conectável em todas as múltiplas dimensões; desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente (DELEUZE; GUATARRI, 2000).

Figura 2 - As janelas das arquiteturas residenciais em alvenaria.



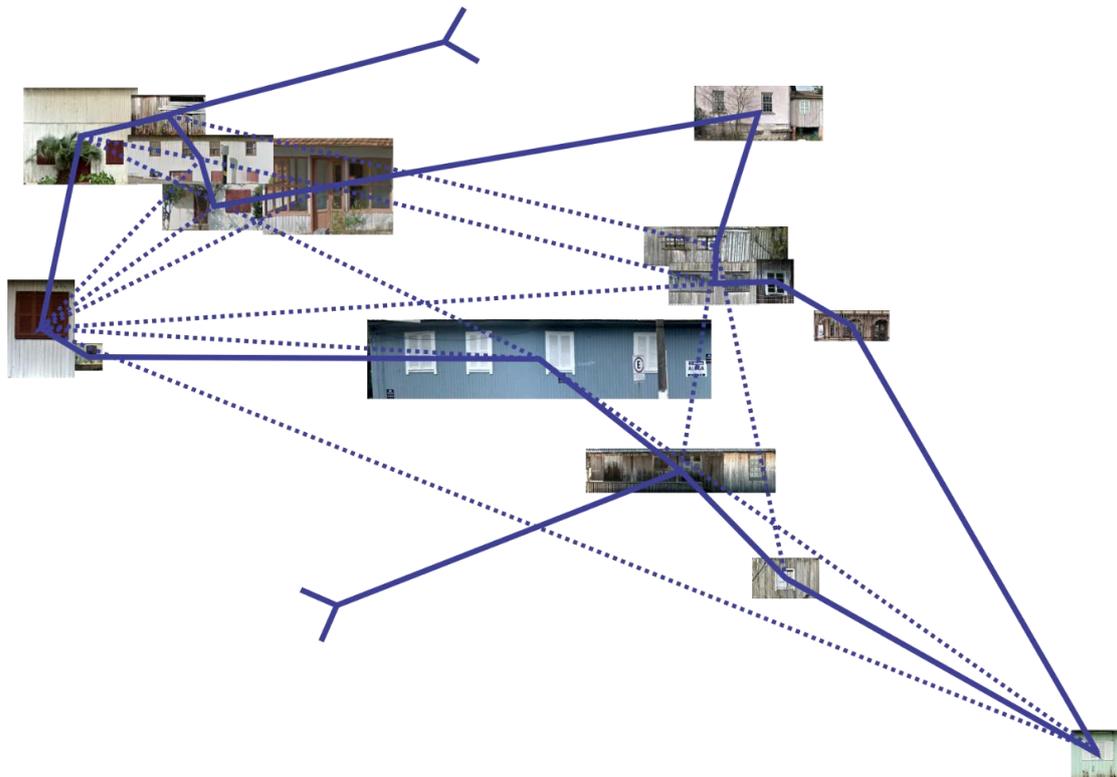
Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

As cidades mais próximas ao litoral possuem uma maior concentração urbana, com uma diversidade maior de edificações de diferentes períodos. Em sua maioria com edificações em alvenaria. Selecionamos aqui apenas as arquiteturas residenciais (Figura 2), com diferentes expressões arquitetônicas em suas fachadas, e por muitas vezes fortemente fechadas por tijolos, grades, madeira, entre outros elementos.

Conforme nos afastamos do litoral, também voltávamos no tempo. A verticalização e o adensamento iam dando lugar às arquiteturas menores: a casa de madeira, o bar na esquina, as ruas não asfaltadas. Apesar de termos encontrado exemplares em madeira em quase todo o território, eles se concentram a partir de Lages até São Miguel do Oeste, possuem características diversas, diferentes cores e sobretudo distintos estados de conservação. Quanto mais a oeste, maior era a quantidade de arquiteturas em madeira preservadas e em uso.

Tornou-se difícil encontrar exemplares abandonados, e mesmo os que apresentavam características de abandono, muitas vezes estavam melhor preservados que construções em alvenaria que encontramos no decorrer do caminho. Deixamos aqui dois elos abertos, conexões do território catarinense com o Paraná e o Rio Grande do Sul, tendo em vista a possibilidade destas características também se repetirem no interior dos dois estados (Figura 3).

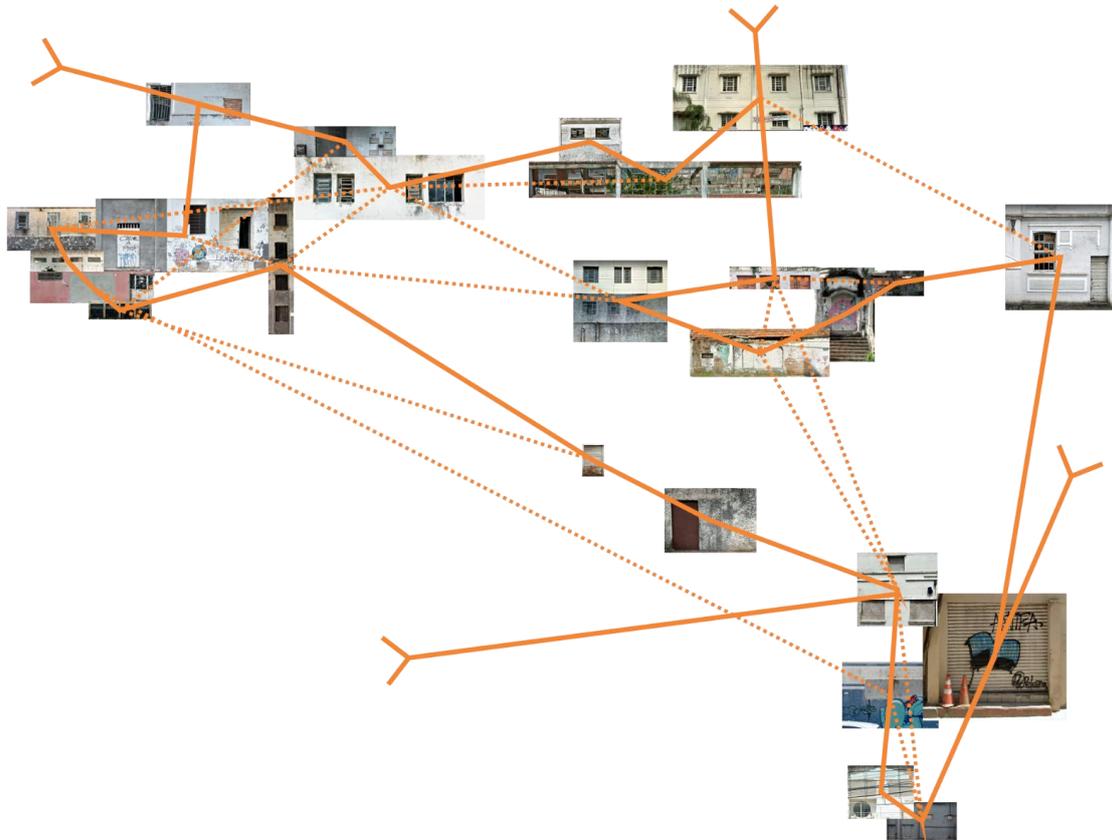
Figura 3 - As janelas das arquiteturas residenciais em madeira.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

A visualização das arquiteturas residenciais mostra que, apesar de se espalharem por todo território de Santa Catarina, apresentam uma diferença clara entre os diferentes materiais utilizados em sua construção, isso de acordo com cada uma das regiões em que foi edificada, indicando uma possibilidade desse fenômeno estar associado a movimentos econômicos. Por outro lado, percebemos em todo o território catarinense o abandono de edificações industriais (Figura 4), o que pode indicar processos de desindustrialização. Aspecto que nos leva a buscar informações para fora do território do estadual, inclusive em outros países; ou avaliar se esta mudança ocorreu para outros pontos dentro do próprio estado. Deste modo, deixamos quatro elos em aberto que buscam relacionar o abandono destas edificações com estes outros fenômenos. As ligações secundárias dizem respeito às características arquitetônicas similares entre as edificações.

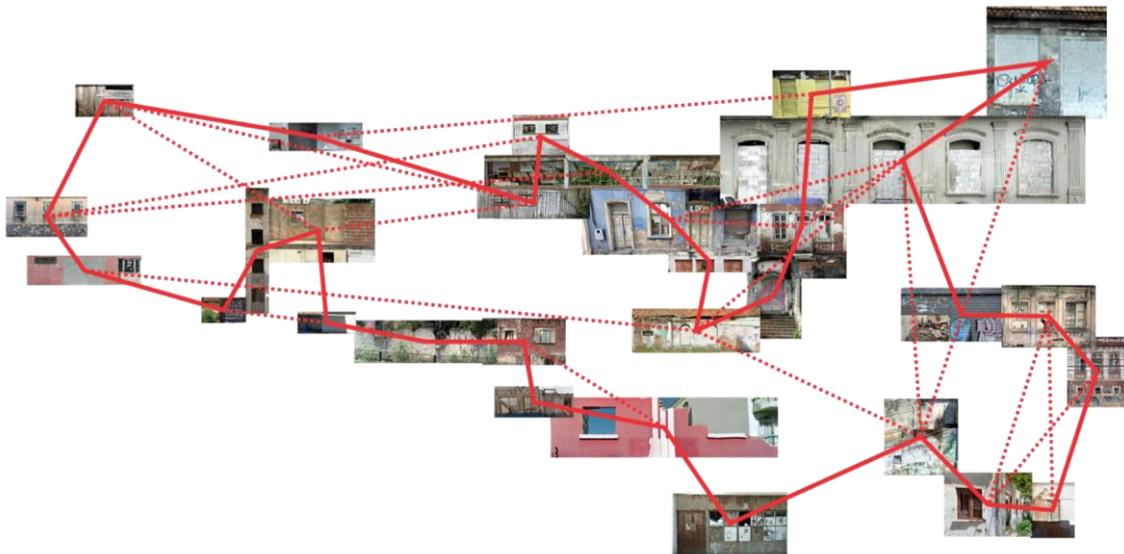
Figura 4 - As janelas da indústria.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

A observação da destruição de arquiteturas abandonadas em Lages e São Miguel do Oeste nos levou também a agrupar as edificações em ruínas (Figura 5) que se espalham por todo o território catarinense. Esta observação nos leva ao questionamento: Seria a destruição o próximo passo para estas arquiteturas? Outro ponto que merece atenção é que a dificuldade em encontrar arquiteturas abandonadas em Criciúma também se reproduz neste mapa, o que pode indicar que estas edificações já passaram por um processo de destruição.

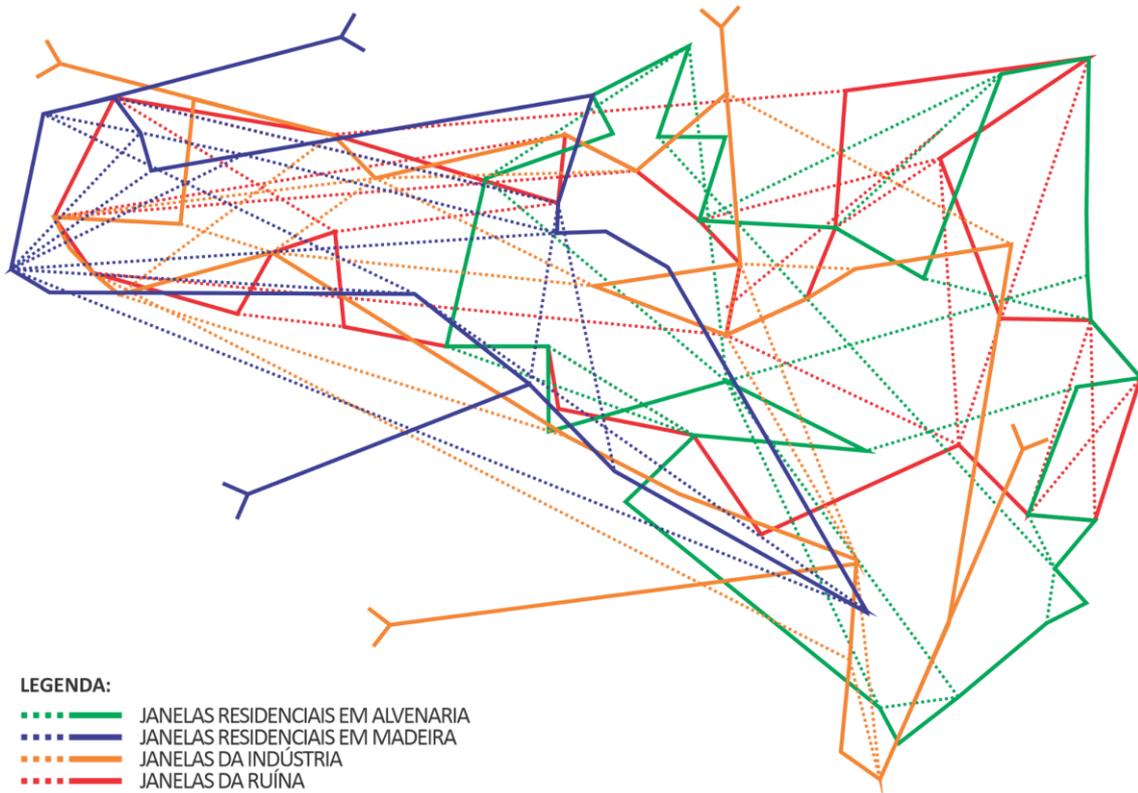
Figura 5 - As janelas da ruína.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

As diferentes vinculações estabelecidas aqui, nos possibilitam combinar estas pistas em um único mapa, que permite visualizar todos os pontos onde os temas que foram estudados se entrecruzam, interconectam-se e se distanciam (Figura 6). A partir destas informações poderemos relacionar outros aspectos, como: determinações históricas, conceitos, indivíduos, grupos e formações sociais (DELEUZE; GUATARRI, 2000).

Figura 6 - As linhas do abandono em Santa Catarina.



Fonte: Os autores, 2022.

No decorrer deste estudo, também pudemos realizar outras observações que se relacionam aos aspectos abordados por Deleuze e Guatarri (2000), elementos que indicam que o abandono é espaço de outros fenômenos, como: as manifestações por meio de pichações e grafites (Figura 7); os portões que fechavam muitos dos terrenos impossibilitando a visualização de qualquer arquitetura que pudesse ter em seu interior (Figura 8); as demolições (Figura 9) e destruições (Figura 10) e as janelas fortemente fechadas que nos trouxeram até aqui (Figura 11). Estas observações acabam por nos oferecer novas pistas sobre o abandono, aspectos aos quais devemos nos atentar.

Figura 7 - As pichações e o grafite.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

Figura 8 - Os portões do abandono.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

Figura 9 - A demolição das arquiteturas em madeira.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

Figura 10 - A destruição da arquitetura.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

Figura 11 - As janelas tapadas.



Fonte: Google Street View, 2022. Diagramação: Os autores, 2022.

Relacionar estes outros aspectos nos possibilitará a criação de novas cartografias que se sobrepõem as já abordadas neste texto, novas entradas que complementam a visão rizomática e se expande em todas as direções. Platôs que se conectam com outras hastes subterrâneas e superficiais, de maneira a formar e estender os mapas, nos provocando a olhar de outra maneira (DELEUZE; GUATARRI, 2000).

## CONCLUSÃO

Percorremos virtualmente as cidades de Santa Catarina em busca de edifícios em desuso, ruína ou em estágio de abandono aparente. Acabamos por encontrar as janelas do abandono, que surgiram como pistas para esta pesquisa-ação e nos possibilitaram realizar analogias entre os diferentes pontos do território, promovendo experiências de territorialização, agrupando por meio de suas similitudes. Estes agrupamentos também nos possibilitaram conexões com outros lugares, em uma imagem rizomática que sempre extrapolava a ideia de um território marcadamente delimitado, ganhando múltiplas entradas e saídas.

Foi possível perceber diferenças marcantes entre as edificações presentes na porção leste do Estado, onde concentravam-se as edificações em alvenaria e, na porção oeste, onde pudemos observar as edificações em madeira. Por outro lado, há arquiteturas que se espalham por todo o território catarinense, tais como: as indústrias e as ruínas. Do mesmo modo como as arquiteturas, testemunhamos outros fenômenos em pontos diversos do Estado que nos oferecem novas possibilidades de observação que nos aproximam das determinações históricas, conceitos, indivíduos, grupos e formações sociais.

As associações realizadas neste trabalho nos forneceram outras pistas sobre as arquiteturas abandonadas de Santa Catarina. Por isto, não espera-se que este seja um olhar

único ou final, mas um olhar que é um meio para revelar outras características. Afinal, este olhar nos possibilitou comprovar que muitos destes edifícios, no Estado de Santa Catarina, dialogam entre si, podendo gerar um outro fazer para saber.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sebastião Ferreira de; SALDANHA, Márcia. Ruína como resistência: um lugar estranho num promontório de desejos. **Arqa**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 108-111, abr. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. INTRODUÇÃO: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: 34, 2000. p. 10-36.

FIORIN, Evandro. **Caminhar como Estrangeiro em Terras de Descobrimientos**: processos de percepção da arquitetura e urbanismo contemporâneos. Tupã: Anap, 2020.

FIORIN, E.. **Nômades**: as práticas errantes no ensino, na pesquisa e na extensão em arquitetura e urbanismo ? por um (re)conhecimento urbano. Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (on line), v. 20, p. 203-222, 2022.

FIORIN, E.; FREITAS, D. ; DIAS, G. C. G. ; VASCONCELOS, H. M. T. ; LOUZICH, K. M. D. ; RODRIGUES, L. S. ; SOUZA, L. N. ; CHAPARIM, M. A. S. ; POLLI, P. G. . **A Cidade Inacabada**. 1. ed. Tupã / Florianópolis: ANAP / Arquitetura & Urbanismo UFSC Publicações, 2021. v. 1. 194p .

JORGE, Luís Antônio. **O desenho da janela**. Selo Universidade, volume 37. São Paulo, Annablume, 1995.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2009. p. 32-51.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **PISTAS DO MÉTODO DA CARTOGRAFIA**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2009. p. 32-51.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono**: ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte. 2010. 526 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica, Razão e Emoção. 3ª Edição. São Paulo: Edusp (Editora da USP), 2003.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.